

SUAS PRÓPRIAS COSTELAS

Daniel Grimoni

rua, centro da cidade, 20h.

(esse é um poema jornalístico.)

pessoas voltam para casa de

seus trabalhos e inundam os

pontos de ônibus

(o poema jornalístico tem a

pretensão de retrato imparcial

e fiel de pessoa, lugar ou objeto.)

existe uma pequena

retenção na proximidade

da cidade nova

e uma das

pessoas que esperam o ônibus

se chama juliana

(discorrer sobre sua

própria natureza

o torna um poema também

metalúrico.)

juliana é a única pessoa

naquele ponto do centro

da cidade às 20h que

não quer voltar

para casa

(o que foi um

erro do poema,

mas é preciso ser compreensível)

juliana não quer voltar

porque gosta de gatos

pretos, de panos de mesa

bordados, do planeta saturno,
de outras meninas, de muros
cobertos por hera, de silêncio
preenchido por passos de pessoas
subindo escadas, de canções
de bandas muito específicas de
rock britânico, mas também
do gilberto gil,
gosta de pegadas de cavalo
em estradas de barro e de tinta que
acende
em luz ultravioleta,

coisas que a situam naquele conjunto
de pessoas que procuram e nunca acham
um lar

(porque de fato
mesmo o poema jornalístico é
muito humano: quase sempre feito
de
erros desvios
incertezas.)

por isso, é claro, nenhuma
das pessoas que querem voltar para casa
viram juliana
entrar em nenhum dos ônibus
e nem correr atrás
de outros ônibus em outros pontos,
ela apenas
olha
as luzes

e os números
ou algo naquela direção

(naturalmente, ele deveria perguntar/desvendar no branco
as palavras
enquanto se desbobina)
ali onde
fica a igreja, e talvez na igreja
more deus, e mais além existirá o mar,
e além do mar
outras terras,
que juliana não enxerga do ponto de ônibus

agora às 20h24
e mais anoitecido

(mas é difícil distinguir entre
isso e
o procedimento
de depositar sobre os espaços
imagens memórias e
esperanças

ou de
traçar para os nomes
novas rotas)

juliana nem sempre foi assim,
ontem mesmo
ela pegou o ônibus
mas agora imagina uma cozinha
com temperos pendurados no teto,
janelas grandes por onde
entre a luz do sol, e

uma varanda
com chuva, tudo ao mesmo tempo,
o sol e a chuva,
passa os seus minutos no ponto
assim,
querendo tudo e esse tudo
é tão pouco,
apenas mesmo poder dizer seu nome

(mas aquela varanda, e a igreja, e as terras além do mar,
e deus, e os ônibus desse ponto ou de outros,
e os cavalos, e o planeta saturno,
tudo se confunde, nada é espelho,
ou cama
pronta,

paredes brancas
listradas de marrom.)

todos os ônibus são iguais porque
nenhum serve,
o dia gira por debaixo da noite escura e
não
existe lugar para onde
se possa ir,
não existe pessoa, estamos sozinhos
(estamos sozinhos, juliana,
o que fazer?)
escrever poemas no ponto de ônibus
será talvez a solução?

as pessoas
olhando?
o poema pode ser uma casa, juliana

(mas não é essa casa que eu quero
quero um lugar
onde o cheiro dos móveis me traga sono
e a luz se dobre para entrar
nos armários e evitar o mofo)

no ponto de ônibus 20h34 ou 21h
o poema não tem um relógio
porque ele não tem
pulso

(juliana, por favor, saia daí
vá para casa mas onde
fica)
esse lugar? lá passam os ônibus?
os gatos pretos os temperos da cozinha
as bandas de rock
britânico talvez
seja a casa do gilberto gil
esse lugar de contos de fadas
(em um poema sempre
cabem fadas e os versos sempre admitem
amores e raios
de sol e armários)
mas por que se limitam
aos poemas por que preciso
inventar raios de sol

no ponto de ônibus juliana pensa
que talvez o problema
seja gostar de outras meninas
que (talvez as

meninas

sejam sua casa) que talvez o (problema seja gostar
da ideia de uma casa da ideia de
uma sensação e não exatamente do
momento presente onde elas
existem)

não quero morrer no ponto de ônibus

em último caso, juliana
more entre
suas próprias costelas